

A criação de um Estado Islâmico e a reorganização do Oriente Médio

Katty Cristina Lima Sá¹

Resenha recebida em 10/05/2015 e aceita em 15/06/2015.

No ano de 2013 o grupo jihadista Estado Islâmico, ou EI, atuante nos territórios entre a Síria e o Iraque, passou a atrair os olhares do Ocidente devido aos seus atos extremistas em conjunto à sua capacidade de atrair seguidores de várias nacionalidades. Para esclarecer o que diferencia o EI de outros grupos terroristas e como este atingiu notoriedade, a especialista em terrorismo pela *London of School of Economics*, Loretta Napoleoni, com base em seus conhecimentos e no relato de vários jornalistas que presenciaram o cotidiano das regiões controladas pelo EI lançou obra *A fênix Islamita: O Estado Islâmico e a reorganização do Oriente Médio* no início de 2015 pela Bertrand Brasil.

Loretta Napoleoni é especialista em lavagem de dinheiro e terrorismo, autora de best sellers como *Maonomics* e *Econômica Bandida*, além de ser presidente do grupo de financiamento de ações antiterroristas do Club de Madri e correspondente de jornais como o *El País* e *La Reppublica*. Em sua obra mais recente, a autora inicia seu escrito falando da origem do Estado Islâmico nascido a partir das ideias do jihadista jordaniano Abu Musab al-Zarqawi, com intuito de lutar contra os governos ditatoriais do Oriente Médio e instaurar um Califado^{II} na região. A organização mudou seu nome várias vezes até se tornar Estado Islâmico do Iraque, país onde concentrou suas forças. No ano de 2003 al-Zarqawi foi nomeado representante da Al-Qaeda no Iraque e seu grupo passou a ser o braço da organização de Osama Bin Laden no país mencionado.

Três anos depois, o grupo da Zarqawi sofreu dois grandes choques: primeiro a morte de seu criador e líder seguida da perda de prestígio na região em que atuava devido ao “Despertar sunita”^{III}. Para recuperar seu o prestígio parte dos seguidores de al-Zarqawi se separam da Al-Qaeda e reassumiram o nome de Estado Islâmico^{IV} desta vez com caráter mais nacionalista. Suas atividades foram retomadas de fato em 2010, sob a liderança do iraquiano Abu Bakir al-Baghdadi, considerado por seus seguidores o descendente direto do profeta Maomé.

Para atingir o poder e a notoriedade que possui hoje, a ponto de ser o grupo jihadista que chegou mais próximo da realização do novo Califado, a obra mostra como EI soube aproveitar a realidade do Oriente Médio após a Primavera Árabe e as lutas por democracia, primeiro na Síria e depois no Iraque, sem que seu discurso fundamentalista e extremista fosse perdido.

O Estado Islâmico começou a traçar seu caminho para o renome através do que a autora conceitua como “guerra por procuração”, ou seja, quando grupos de guerrilheiros

A CRIAÇÃO DE UM ESTADO ISLÂMICO E A REORGANIZAÇÃO DO ORIENTE MÉDIO

KATTY CRISTINA LIMA SÁ

substituem a força estatal em disputas políticas e territoriais, sendo financiados pelos mesmos^V. No caso, os jihadistas do EI associaram-se aos rebeldes sírios contra o governo de Bashar al-Assad, com isso receberam patrocínio de países como Reino Unido, França e Estados Unidos, que incluíram treinamentos militares, dinheiro e armamentos norte-americanos.

O capital gerado com o patrocínio do conflito sírio foi aplicado em novos investimentos, como a tomada de novos territórios e exploração dos recursos naturais desses locais, o que gerou independência financeira e a possibilidade de investir nas demandas sociais locais, com a distribuição de alimentos para as famílias e a criação de refeitórios comunitários. Tal estratégia fez com que o EI ganhasse parte da simpatia dos habitantes de seus territórios. Para estimular a criação de laços mais fortes, realizaram-se casamentos entre mulheres locais e guerreiros do futuro Califado.

O Estado que surge com a dominação territorial do Estado Islâmico é classificado na obra como Estado-fantasma, pois se assemelha ao modelo de Estado-nação europeu em posse de um território, disponibilidade de recursos financeiros próprios, reconhecimento local, sistema burocrático e tentativa de possuir uma população homogênea, no caso baseada na religião (Islâmica, de linha sunita) e não na etnia. Falta-lhe apenas o reconhecimento de sua soberania pela comunidade internacional, por isso é caracterizado como “fantasma”. Para entender o que o EI tenta criar, a autora o compara com Israel, um estado étnico-religioso, capaz de proteger todos os seus nacionais em qualquer parte do mundo, porém próximo ao Talibã com seu desejo de implementar um governo islâmico, baseado na sharia, as leis islâmicas.

A obra segue diferenciando o EI do grupo extremista afegão, com a principal característica do primeiro: sua abertura para tecnologia, vista através do uso das redes sociais para divulgar sua causa e suas barbaridades em ações midiáticas que passam a ideia de uma organização forte e imbatível. Segundo Napoleoni, o EI não é mais violento que os outros grupos extremistas do passado e do presente, ele apenas sabe fazer propaganda do terror. Cabe lembrar que a divulgação do terror vinha de al-Zarqawi, ainda associado a Al-Qaeda em 2004, onde o impacto era causado com a divulgação pela Internet das decapitações de prisioneiros estrangeiros no Iraque^{VI}.

O texto pontua que o EI tenta ser um Estado moderno, poderoso e aberto às novidades do mundo contemporâneo, ao mesmo tempo em que se utiliza do terrorismo, associado com leis baseadas na opressão e na intolerância para sua construção política. Mesmo assim, a imagem divulgada pelo Estado Islâmico e sua convocação para *jihad*^{VII}, legitimada pela convocação de um Califa, Abu Bakir al-Baghdadi, atrai jovens muçulmanos nascidos de várias nacionalidades.

Na opinião de Napoleoni, o Estado Islâmico é um dos frutos da globalização e do empobrecimento crescente, que diferente Al-Qaeda soube explorar a situação social e política interna do Oriente Médio, em especial os conflitos por democracia. Desse modo, em três anos o EI passou de uma organização desconhecida para um Estado-fantasma, capaz de desafiar as potências mundiais^{VIII}. Surge um novo combate, classificado pela autora como a “Terceira Guerra Mundial”, “um conflito medieval contemporâneo travado por grupos armados”, sem exércitos nacionais, trincheiras ou os acordos da Convenção de Genebra^{IX}.

A CRIAÇÃO DE UM ESTADO ISLÂMICO E A REORGANIZAÇÃO DO ORIENTE MÉDIO

KATTY CRISTINA LIMA SÁ

As atividades do Estado Islâmico e suas consequências estão longe de serem resolvidas; ainda serão feitas muitas páginas de jornais e livros para explicar o que se seguirá com a proclamação do Califado nos territórios da Síria e do Iraque no fim de 2014. No entanto, isso não tira a particularidade da obra de Loretta Napoleoni que consegue explicar de forma clara e simples não apenas o que é o Estado Islâmico e suas características, mas a situação política e social do Oriente Médio e como essas foram aproveitadas. A obra de Loretta Napoleoni possui uma leitura leve e de fácil compreensão que consegue compilar a vasta quantidade de informações lançadas diariamente acerca do Estado Islâmico, o que a torna indicada para qualquer um que deseja entender melhor do assunto.

Notas

^I Graduanda em História na Universidade Federal de Sergipe. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). Email: katty@getempo.org. Orientador: Dilton Cândido Santos Maynard.

^{II} Governo monárquico com suas leis baseadas no código de conduta islâmico, conhecido como sharia. Essa forma de governar surge após a morte de Maomé no século VIII, sendo o Califa um líder civil e religioso. É o chamado “momento de ouro” do Islã, quando esse domina um vasto território que vai até a Península Ibérica.

^{III} Movimento onde os anciões sunitas convecem a população local a se voltarem contra os jihadistas considerados como ameaça estrangeira.

^{IV} Deste então, os dois grupos alimentam fortes rivalidades, principalmente depois da rápida união do EI com a Frente al-Nusra, o que estendeu o campo de ação do grupo da Síria, onde se aliou aos rebeldes contra o governo de Assad, devolta Iraque onde o grupo iniciou sua ação.

^V NAPOLEONI, Loretta. *A fênix Islamita: o Estado Islâmico e a reconfiguração do Oriente Médio*; tradução Milton Chaves de Almeida. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2015. P 138

^{VI} TALBOT, David. *Terror's Server - How radical Islamists use internet fraud to finance terrorism and exploit the internet for Jihad propaganda and recruitment*. Technology Review. Disponível em: http://www.technologyreview.com/articles/05/02/issue/feature_terror.asp?p=0. Acesso em 26/11/2014.

^{VII} O conceito de Jihad envolve dois tipos de luta: a grande Jihad que é a luta interna para se manter fiel aos ensinamentos de Maomé e a pequena Jihad subdividida em duas formas: a defensiva que deve salvaguardar o Islã de seus inimigos e a ofensiva que deseja expandir o Islã, este subtipo só pode ser convocada pelo Califa, no caso o al-Baghadadi.

^{VIII} Napoleoni cita a fala de um guerrilheiro do EI, que diz se chamar Abu Omar, em um chat virtual com *The New York Times*, que consegue diferenciar e mostrar a ameaça que representaos dois grupos “A Al-Qaeda é uma organização, nos somos um Estado”. *Op.cit*, p.100

^{IX} *Op.cit*, p.125. Cabe ressaltar que a Convenção de Genebra é a compilação de vários tratados assinados entre 1864 e 1949 que introduziram normas para as guerras, a fim de reduzir seus impactos para a população civil, além de assegurar os direitos básicos dos feridos e de prisioneiros.

Referências Bibliográficas

NAPOLEONI, Loretta. *A fênix Islamita: o Estado Islâmico e a reconfiguração do Oriente Médio*; tradução Milton Chaves de Almeida. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2015.

^{IX} TALBOT, David. **Terror's Server - How radical Islamists use internet fraud to finance terrorism and exploit the internet for Jihad propaganda and recruitment.** Technology Review. Disponível em: http://www.technologyreview.com/articles/05/02/issue/feature_terror.asp?p=0. Acesso em 26/11/2014.